

Doença, jornalismo e visibilidade: notas sobre a cobertura do câncer no jornal *O Globo*

Kátia Lerner

*Doutora em Antropologia Social pelo IFCS/UFRJ e
Mestre em Comunicação e Cultura pela ECO/UFRJ
Email: katia.lerner@icict.fiocruz.br*

Este artigo tem como objetivo fazer uma caracterização da presença do câncer no jornal *O Globo* durante o período de janeiro a junho de 2012. A pesquisa identificou 444 textos, nos quais se buscou identificar sua localização, os principais eixos temáticos, as hierarquizações internas e, a partir disso, tecer considerações sobre seus modos de presença no jornal. A análise apontou que, embora o câncer se caracterize por uma longa história, sua presença no noticiário é recente, com curva ascendente desde a década de 1980. O mapeamento de sua territorialidade no jornal apontou para uma presença transversal, em todas as editorias, com predomínio no noticiário de política nacional e internacional, e uma discreta presença nas editorias ligadas à saúde propriamente. Dentre os temas mais recorrentes, destacamos a enfermidade dos políticos, a saúde pública, risco e ciência e tecnologia.

Palavras-chave: Câncer; Doença; Jornalismo; Visibilidade.

Disease, Journalism and Visibility: Notes on cancer coverage in the newspaper O Globo

This paper aims to make a characterization of cancer presence in the newspaper O Globo from January to June of 2012. The survey identified 444 texts in which it sought to identify its location, the main themes, internal hierarchies, and from it some considerations about their way of presence in the paper. The analysis pointed out that although the cancer is characterized by a long history, its presence in the news is recent, with upward curve since the 1980s. Mapping their territoriality in the newspaper pointed to a transversal presence in all editorials with predominance in the national and international political news, and a discreet presence in editorials related to health itself. Among the most recurring themes highlight the infirmity of politicians, public health, risk, and science and technology.

Keywords: Cancer; Disease; Journalism; Visibility.

La enfermedad, Periodismo y visibilidad: Notas sobre la cobertura de cáncer en el diario O Globo

Este artículo tiene como objetivo hacer una caracterización de la presencia de cáncer en el diario O Globo durante el período de enero a junio de 2012. El estudio identificó 444 textos en los que se trató de identificar su ubicación, los temas principales, las jerarquías internas, y de que algunas consideraciones acerca de su presencia en los modos del periódico. El análisis indicó que aunque el cáncer se caracteriza por una larga historia, su presencia en la noticia es reciente, con la curva ascendente desde la década de 1980 que trazan su territorialidad en el periódico apuntaban a una presencia transversal en todas las editoriales con predominio de las noticias de política nacional e internacional, y una presencia discreta en los editoriales relacionados con la salud misma. Entre los temas más recurrentes destacamos la enfermedad de los políticos, la salud pública, el riesgo y la ciencia y la tecnología.

Palabras clave: Cáncer; enfermedad; el periodismo; Visibilidad.

Este artigo tem como objetivo fazer uma caracterização preliminar da presença do câncer no jornalismo impresso. Para tal, foi realizado um mapeamento da cobertura desta enfermidade no contexto carioca, tomando como objeto empírico de análise o jornal *O Globo*. Esta iniciativa se insere em uma pesquisa mais ampla, intitulada “Os sentidos do câncer: um estudo sobre sofrimento, mídia e narrativas biográficas”. Nela, busco compreender os sentidos do câncer a partir de três perspectivas distintas: dos doentes, dos profissionais de saúde e da mídia. O presente trabalho desenvolve um aspecto desta última questão, ligada à mídia, e tal abordagem se justifica por acreditarmos que a compreensão acerca dos processos de saúde e doença deve ser buscada tanto no nível mais micro, das conexões, interlocuções e negociações construídas nos cotidianos dos mediadores, como em diálogo com outras instâncias de produção simbólica. Os meios de comunicação se apresentam como um espaço importante de construção de sentidos sobre o mundo, e sobre os processos de saúde e doença em particular, permitindo a produção e circulação de determinadas concepções de doença, risco e cura no espaço público.

A escolha do câncer tem especial relevância, pois se trata de uma doença de forte incidência epidemiológica – estima-se o surgimento de 27 milhões de novos casos, 17 milhões de mortes e 75 milhões de pessoas convivendo com essa patologia em 2030, segundo dados do INCA (INCA, 2011). Tal relevância epidemiológica é acompanhada de grande visibilidade midiática, pois o câncer situa-se entre as doenças mais presentes na cobertura noticiosa brasileira (Jurberg, Gouveia, e Belisário, 2006).

Para este artigo, buscamos mapear e qualificar como se deu a presença da doença no jornal durante o período de janeiro a junho de 2012. Foi feita uma coleta dos textos jornalísticos disponibilizados no site do *O Globo* a partir das palavras-chave “câncer” e “tumor”, e foram excluídos os textos dos cadernos de bairro, classificados, os que tinham como significado outro que não a doença (como horóscopo), que se inseriam em resumos de filmes e em que a palavra aparecia como metáfora. Incluímos todo e qualquer formato jornalístico (notas, artigos assinados, editoriais, entrevistas etc.) e não fizemos distinção se o câncer era o tema principal ou secundário da matéria. Esse material resultou em 444 textos, que foram organizados buscando identificar sua localização no jornal, os principais eixos temáticos, as hierarquizações internas a esses temas e, a partir disso, tecer algumas considerações sobre seus modos de presença no jornal.

A doença que não ousa dizer seu nome: o câncer como representação da morte

Para compreender a configuração dos modos de presença do câncer no jornal *O Globo* no recorte por nós privilegiado, caberia antes fazer algumas conside-

rações sobre as representações sociais da doença e seus sentidos nas sociedades contemporâneas. Pois a doença, ainda que adquira existência num corpo individual e tenha um fundamento biológico, é construída e compartilhada socialmente. Ela torna-se inteligível a partir não apenas de um discurso médico-científico (que por sua vez já é uma construção sociocultural de um campo de saber instituído), mas também pela forma como ela está culturalmente apreendida numa dada sociedade. Os meios de comunicação, embora se constituam num espaço de produção discursiva sobre o mundo que se opera através da seleção, organização e transformação de fatos em acontecimentos jornalísticos, produzindo um arranjo particular destas falas – e, portanto, não se constituem um espaço “transparente” através do qual a realidade é falada – não o fazem “descolados” do mundo, mas em meio aos sentidos circulantes. É justamente esse duplo (ou ainda múltiplo) movimento que nos interessa, em que os meios de comunicação refletem e refratam a realidade.

Historiadores apontam que há referências às neoplasias desde a antiguidade, e que é recorrente a sua associação às ideias de morte e sofrimento (Teixeira, Porto e Noronha, 2012). Tomando como ponto de partida o século XX, podemos citar o estudo de Bertolli Filho sobre as representações do câncer entre os anos 1900-1950. O autor comenta que, ainda que sua ocorrência epidemiológica fosse concomitante a outras patologias, como a tuberculose, a hanseníase e a sífilis, o câncer apresentava uma prevalência simbólica dentre as demais (Bertolli Filho, 2002). Trata-se, portanto, de uma doença com uma longa história e uma forte presença no imaginário científico e leigo. Sontag, em seu trabalho escrito ao final dos anos 1970, assinala como a doença permaneceu envolta por estigma, mantendo a forte associação com morte e sofrimento. A autora observa que, ao saberem que algum parente tinha câncer, as pessoas se afastavam, descontaminavam objetos e partes da casa, como se fosse uma doença transmissível. Segundo ela, “a própria palavra ‘câncer’ era tida como capaz de matar alguns pacientes que não sucumbiriam (tão rapidamente) ao mal de que sofrem” (Sontag, 1984).

Trabalhos mais recentes apontam um cenário semelhante. Aureliano, em sua etnografia sobre mulheres que participavam de grupos de apoio a pacientes com câncer de mama na Paraíba, relata que foi orientada pela psicóloga da instituição onde realizava sua etnografia a substituir a palavra câncer por “doença” ou “esse problema” uma vez que, segundo ela, “algumas mulheres não sabem de seu diagnóstico”, pois “não querem ouvir que têm câncer” (Aureliano, 2006). Em meu trabalho de campo, dois médicos relataram que era comum parentes fazerem sinais, por trás dos familiares, ou mandarem bilhetes, solicitando que não revelassem o diagnóstico de malignidade aos pacientes.

Se as associações à doença nos remetem a significados sombrios, no entanto cabe ressaltar que as formas de se viver, sentir e falar sobre câncer não

são homogêneas nem estanques. Isso se refere não apenas aos atores sociais envolvidos e aos distintos lugares ocupados por eles no âmbito desta experiência (se pacientes, familiares, médicos e outros profissionais da saúde, ou ainda pessoas quaisquer), mas também pelas próprias transformações que a doença passou nos últimos anos. Observa-se um grande avanço tecnológico, com o aumento nos índices de incidência e diminuição da mortalidade. Simultaneamente mais próxima (e, portanto, representando uma ameaça mais real) e menos letal (pois os recursos terapêuticos são sabidamente maiores), uma nova sensibilidade frente à doença vai se tecendo, dialogando não apenas com a memória de sua letalidade e potencial sofrimento, mas também com todo um contexto mais amplo, ligado à experiência dos processos de saúde e doença em geral.

Essa afirmativa torna-se mais clara se pensarmos na própria emergência da categoria “pessoa doente”. Autores assinalam como essa noção é uma construção recente na nossa sociedade, que passa a tomar corpo a partir do século XIX, quando as epidemias de hanseníase e peste se tornaram mais controladas e a tuberculose surgiu como uma doença individualizante. Se a hanseníase gerava a exclusão da sociabilidade e a peste a morte rápida, dificultando a presença do doente no convívio regular e integrado, a tuberculose se constituiu numa experiência mais individualizada, que não era seguida de uma morte rápida e tida como “inevitável”. Isso possibilitou ao doente ter uma visão de si e da sua enfermidade, ao mesmo tempo em que a sociedade o reconhecia e identificava, propiciando a emergência de um modelo voltado para a pessoa doente que envolvia cuidados médicos e todo um aparato sócio-legal (Herzlich e Pierret apud Aureliano, 2006).

A experiência da doença como algo não mais agudo, mas que perpassa boa parte da nossa existência, tornou-se paulatinamente comum e foi assumindo novos contornos. Num cenário mais recente, com o contexto da chamada transição epidemiológica, observa-se a vigorosa diminuição das doenças infectocontagiosas como principais causadoras de morte e sua substituição pelas doenças crônico-degenerativas. Junto a isso, temos também cada vez mais difundida a experiência da doença sem estarmos doentes, fenômeno que se relaciona com a descoberta do que se convencionou chamar de “fatores de risco”. Diferente da concepção moderna de doença na qual a patologia era apenas detectada quando o sintoma se manifestava e era a expressão de uma lesão a ser identificada, passou-se a buscar alguma alteração anatômica ou fisiológica antes mesmo de haver sintoma. O que se descobre, então, não é a doença já constituída, mas sua provável manifestação futura (Vaz e Portugal, 2012). A associação entre um sintoma e não exatamente a doença, mas a sua possibilidade, gerou uma vigilância cada vez mais intensa

e antecipada sobre o corpo, numa forte crença de que poderemos evitar de forma adequada e eficaz a ocorrência dos infortúnios relativos à saúde. Fazer dieta, tomar medicamentos, fazer exames, entre outras medidas, deixaram de ser cuidados realizados apenas por aqueles que já estão efetivamente enfermos, mas passaram a ser práticas largamente difundidas entre aqueles que não desejam ter a doença e acreditam que, assim, poderão evitá-la.

Esse processo, por sua vez, está vinculado a outra questão, ligada ao peso que a saúde adquiriu nas últimas décadas, despontando como valor e impactando, conseqüentemente, o tempo que empregamos no autocuidado, o dinheiro que gastamos para preservar o corpo, a ampliação dos espaços sociais que abordam o tema – a escola, o governo, a mídia. Ao mesmo tempo, ela aparece crescentemente como atribuição individual, sendo o autocuidado visto como forma eficaz de se evitar o risco de desenvolver doenças. Cuidar da saúde tornou-se quase um imperativo moral, e essa é uma crença fortemente compartilhada que se traduz em nossas práticas cotidianas e tem os seus desdobramentos nos meios de comunicação, que entendem como sendo uma de suas missões tornar público elementos do “interesse comum”.

Quando se pensa sobre o câncer, essas questões adquirem especial relevo. Trata-se de uma doença bastante perpassada pela lógica do risco. Todos somos doentes em potencial, devemos modificar nossos hábitos e rotinas para dele escapar (evitar a exposição ao sol, não fumar, realizar exames periódicos, cuidar da alimentação). É uma doença cada vez mais prevalente e sua presença não é algo abstrato, confinada a redutos longínquos, seja no plano geográfico ou simbólico (como uma enfermidade que acomete populações de outros países ou de grupos sociais distantes), na medida em que se manifesta na população de forma indiscriminada, nas diferentes classes sociais, entre as diversas faixas etárias e grupos culturais, sem distinção de gênero, ainda que eventualmente possa apresentar concentrações segundo o tipo de neoplasia envolvida. Trata-se de uma experiência que já foi vivida de forma próxima ou mais distante, pois certamente muitos de nós já conhecemos ou ouvimos falar de alguém que teve a doença. Soma-se a isso, como foi dito, a sua forte presença nos meios de comunicação, o que contribui para a sua familiarização.

Assim, um paradoxo se instala: por um lado, ainda hoje temida e cercada de estigma, a ponto de continuarmos em certos momentos sem poder dizer seu nome e, por outro, exaustivamente mencionada no espaço público, através de um noticiário repleto de anúncios de campanhas preventivas, notícias de celebridades com a doença, novas descobertas tecnológicas, orientações sobre autocuidado e assim por diante. Esse cenário acaba por reforçar a necessidade de melhor compreender a natureza dessa presença, investigando e qualificando como ela se manifesta na cobertura jornalística.

O câncer no noticiário: uma presença recente

Os contextos da experiência acerca dos processos de e doença em geral e do câncer em particular nos apontam pistas para pensar sobre as continuidades e rupturas das distintas formas de representações sociais acerca da doença. Gusfield nos lembra que os eventos considerados como “questões sociais” não surgem como tal, mas se constituem em meio a atribuições de valor dentro de processos sociais mais amplos (Gusfield, 1992). Com esse comentário, o autor indiretamente destaca dois pontos importantes para o nosso trabalho, ligados à desnaturalização e à historicidade da presença dos eventos no espaço público, mediante a sua classificação – ou não – enquanto “problemas sociais”. Coloca-se, assim, outra questão, ligada aos atores e espaços de legitimação em que esses processos de atribuição de valor e sentido ocorrem. No caso da saúde, alguns autores apontam que uma das instâncias que transforma os temas de saúde em problemas públicos, para além das instâncias especializadas, é o trabalho do jornalismo (Oliveira, 2014). Trata-se de um processo de reconhecimento coletivo que passa, entre outras coisas, pela sua publicização, entendida numa dimensão processual.

No caso do câncer, acreditamos que seu interesse tenha sido aguçado por uma maior incidência epidemiológica, mas também mediante ao contexto anteriormente assinalado, em que a saúde despontou como valor e a ideia de “autocuidado” tornou-se quase um imperativo moral, marcada pela noção de risco, fazendo com que esta doença emergja como assunto de “interesse coletivo”. Essa articulação pode ser vista através de alguns dados interessantes trazidos pela pesquisa de Ferraz sobre a revista *Veja*, em que se observa o aumento de noticiabilidade dos temas da saúde desde o surgimento do semanário até os dias atuais (1968 a 2014). Num cuidadoso e sistemático acompanhamento dos textos jornalísticos coletados a partir das reportagens de capa sobre saúde, o autor revela a expansão das chamadas de primeira página (principais e secundárias) durante esse período, revelando uma curva ascendente que atingiu o seu pico no final dos anos 2000. O autor revela, ainda, curva semelhante em relação ao câncer, que se eleva e estabiliza nos anos 1980 e entra em movimento ascendente a partir de 1999, até o final da década seguinte (Ferraz, 2015). Ao ver a publicação de textos no *Globo* desde os anos 1920, observamos também movimento de elevação.

A compreensão mais acurada destes dados não se dá a partir de uma correlação mecânica entre números e contexto, mas seria importante levar em conta alguns elementos do contexto da saúde no país e no mundo. O fortalecimento da noção de saúde como valor individual, como foi dito, tornou-se uma ideia disseminada na sociedade mais ampla brasileira nos anos 1980, e um dos exemplos deste fenômeno foi o que se convencionou chamar de “Geração saúde”, quando o autocuidado tornou-se uma prática corrente e o corpo locus de preocupação.

Castro observa que, nos anos 1980, a corporeidade ganha vulto nunca antes alcançado, com a proliferação de práticas físicas, expressas nas academias de ginástica por toda a cidade. “A Geração Saúde, em oposição ao padrão de comportamento representativo da geração de seus pais, levanta a bandeira antidrogas, com destaque para o tabagismo e alcoolismo, da defesa da ecologia, do naturalismo e do chamado sexo seguro” (Castro, 2004).

Não apenas a dimensão individual está presente, mas também as questões coletivas: o surgimento de um novo contexto sanitário (aparecimento da Aids e o aumento de incidência das doenças crônico-degenerativas, por exemplo); os debates em torno da saúde pública a partir de meados dos anos 1970 (publicação do Relatório Lalonde, 1974, da Carta de Ottawa, 1986); as sucessivas conferências que se seguiram sobre promoção da saúde, mais particularmente no Brasil, por ocasião da Reforma Sanitária (como a de 1986) e a criação do Sistema Único de Saúde (1988) e sua posterior implementação (anos 1990). O que nos interessa aqui ressaltar é que a saúde não se constituiu, desde sempre, tema “nobre” do noticiário, uma presença de destaque constante, como se sua relevância fosse algo “intrínseco”. Esse mesmo argumento se aplica à visibilidade do câncer. Assim, podemos, afirmar que a visibilidade midiática do câncer é recente, e que esse fator não é algo exclusivo deste agravo (ou seja, relaciona-se a um contexto mais amplo sobre os processos de saúde e doença como um todo), embora certamente esteja marcado pelas suas especificidades.

Uma presença difusa e transversal

O segundo ponto que nos chama a atenção sobre a presença do câncer no jornal refere-se à sua localização. Ao buscar caracterizar os modos de presença desse tema no periódico analisado levando em conta a sua distribuição pelas editorias, percebemos que se trata de uma presença transversal, espalhada pelos mais diferentes cadernos. Um dos primeiros pontos que chama a atenção é o franco predomínio das editorias *O País* e *Mundo*, com quantidades muito próximas (68 e 67 textos, respectivamente) e representando, juntas, quase um terço de toda a cobertura (30,4%). Como veremos mais adiante, esses textos relacionam-se, em sua maioria, às notícias envolvendo figuras de destaque da cena política nacional e internacional acometidas pela doença. Esse número cresce ainda mais se somados aos textos opinativos publicados na editoria *Opinião*, na *Página 2* e dispersos nas demais editorias. Assim, Lula e Chávez, por exemplo, dominaram a cena discursiva deste período (com 39 e 51 textos, respectivamente), mobilizando, a partir do câncer, uma série de debates de fundo político, como sucessão municipal (no caso, ligado à candidatura de Fernando Haddad) e presidencial (contexto venezuelano), saúde pública versus saúde privada, aspectos regulares

da vida político-partidária e assim por diante.

A terceira editoria de maior predomínio é o caderno *Rio*, com 59 textos (13,2%). Aqui, uma ressalva é necessária, pois quase um terço destes textos (17, representando quase 29% do total desta editoria) é composto de obituários, trazendo uma mudança no padrão dos textos analisados. Retirando este tipo de texto, restam, então, assuntos diversos sobre a saúde pública na cidade (hospitais municipais, serviços), textos sobre risco, sobre figuras de destaque da cidade que têm alguma relação, seja central ou periférica com o câncer (como voluntários em instituições filantrópicas), entre outros. Em seguida, vemos a editoria *Opinião*, com 36 textos (8,1%). Como foi dito, trata-se de uma seção “coringa” pois não apresenta a predominância temática, mas é composta por vários temas transversais. Sua relevância, no entanto, deve ser assinalada, pois representa uma espécie de “termômetro” sobre os assuntos que despertaram maior interesse do jornal – seja através dos editoriais, da opinião dos articulistas, das manifestações dos leitores sob a forma de e-mails, twitters, envio de fotos e similares.

A quinta editoria de destaque é *Economia* (34, 7,6%), onde predominam textos curtos, em geral notas, versando sobre assuntos diversos. O de maior frequência é ligado à questão ambiental, trazendo textos sobre amianto e sobre os desdobramentos do vazamento de petróleo na Bacia de Campos ocorrido na época. Temos ainda notícias sobre instituições privadas que se assemelham à publicidade (investimentos de clínicas na modernização de seus equipamentos, sobre grupo oncológico privado que dá tratamento gratuito a pacientes carentes, sobre eventos realizados pela Casa Ronald McDonald’s), notícias sobre empresários-celebridades com a doença (Steve Jobs), entre outros. Aqui vemos atores de destaque da saúde, como a indústria farmacêutica e tabaqueira.

No caso das editorias ligadas à cultura, um comentário se faz necessário. Estou designando assim todas aquelas que abordam regularmente assuntos ligados a artes, literatura, entretenimento, moda e gastronomia, como *Segundo Caderno*, *Revista O Globo*, *Revista da TV*, *Ela*, *Rio Show* e *Prosa e Verso*. Juntas, compõem um bloco significativo, com 57 textos, representando 12% do total. Embora a reunião de textos de cadernos tão distintos como esses seja problemática, o resultado desta junção revela a disseminação do tema câncer no cotidiano, através de sua presença em filmes, livros, notícias sobre a vida de celebridades diversas, trazendo a doença de forma mais leve e corriqueira – diferente do obituário, por exemplo – como um caderno de cultura pressupõe. Essa “leveza” em alguma medida revela um processo de familiarização com o tema (do qual é resultado e ao mesmo tempo agente), contrapondo-se ao já aludido caráter sombrio associado à experiência direta com a enfermidade.

Cabe, por fim, mencionar as duas últimas editorias que apresentam números mais significativos sobre saúde: *Ciência e Saúde*, respectivamente em

sétimo (26 textos - 5,8%) e oitavo (24 textos - 5,4%) lugares. Não deixa de ser surpreendente que, dentre as editoriais existentes, as que menos apresentem textos sobre câncer sejam justamente as especializadas ou ao menos mais próximas da saúde. Juntas, perfazem 11,2%, permanecendo ainda em posição bastante aquém das seções principais.

Sobre temas e hierarquias

Dentre os temas que mais se destacaram nesta caracterização preliminar, assinalamos três eixos temáticos que apareceram de modo transversal: a doença dos políticos, a saúde pública e os eventos associados à ciência, tecnologia e risco. No primeiro caso, dos 135 textos sobre câncer nas editoriais *O País* e *Mundo*, mais de 100 abordavam situações envolvendo enfermidades de políticos. Destacam-se, neste contexto, o desenrolar da doença do presidente venezuelano Hugo Chávez, que representou 76% da cobertura de *Mundo*, acompanhado de 4 notícias sobre o câncer de Cristina Kirschner, e políticos esparsos em diferentes países no mundo. No que tange ao cenário nacional, as notícias sobre Lula predominaram, com 39 textos jornalísticos, em mais da metade do total de textos publicados (57%). A doença associada a outros políticos também aparece, seja como experiência direta (Michel Temer e Dilma) ou ainda vinculada a seus familiares. A importância dessa presença é ainda percebida pelo fato de que esse tema é o que mais aparece nas capas dos jornais no período analisado, representando um terço das 18 capas identificadas.

Cabe assinalar que certamente figuras de destaque no cenário político nacional e internacional apresentam grande noticiabilidade. Também é verdade que esse grande volume de dados requer uma análise mais aprofundada para compreender as especificidades de cada um desses contextos. Foge ao alcance deste trabalho o aprofundamento destas questões, mas gostaria apenas de assinalar elementos que se destacaram como marcas dessa presença. O primeiro refere-se à forte dimensão biográfica, no intenso entrelaçamento entre as dimensões pública e privada. O entendimento da política parece aqui se revelar não apenas através dos grandes feitos dos homens públicos, ou de suas agendas programáticas, mas pelos meandros de suas vidas privadas. Se a ocorrência de enfermidade em figuras de destaque por um lado suscita preocupações ligadas à interrupção de mandatos, por exemplo, dada a associação entre câncer e morte já explicitada anteriormente, por outro, visivelmente envolve apropriações simbólicas que excedem essa questão concreta. O que se observa, nestes casos, é que suas qualidades como políticos parecem estar ligadas a uma dimensão moral vinculada à sua vida privada, no caso, com a gestão da sua doença.

Essa questão pode ser pensada especialmente em relação aos dois prin-

cipais personagens que se destacam na cobertura jornalística do período analisado. Aqui, emerge um contexto bastante semelhante ao que identifiquei na cobertura da revista *Veja* (Lerner, 2015). Neste momento, apontei como a presença da enfermidade e as formas de se lidar com ela constituíram-se no meio a partir do qual uma vigorosa crítica político-ideológica foi feita pela revista. Ao falar sobre a doença de Lula, Chávez e Cristina Kirschner, o semanário evidenciava um posicionamento político-ideológico de divergência frente aos governos de esquerda latino-americanos. Isso se dava nos diversos comentários sobre as escolhas ligadas à enfermidade, em que se destacava o “mau uso” da doença por Hugo Chávez (ao mantê-la em segredo, ao reter informações ou mesmo mentir sobre sua condição de saúde para concorrer à presidência etc.) e também por parte de Lula e Cristina Kirschner. O relato sobre as formas de gestão da doença eram acompanhados por uma dimensão moral em que, através do biográfico, se desqualificava suas posturas como figuras públicas.

Cenário bastante semelhante encontramos em *O Globo* com o então presidente venezuelano Hugo Chávez. No entanto, a visão sobre Lula aparece um pouco distinta. Enquanto em *Veja* se delineia uma perspectiva crítica ao ex-presidente, observamos no jornal *O Globo* uma grande ambiguidade. Embora as fortes críticas ao governo petista prevaleçam, a doença aparece, de um lado, como um elemento de empatia, em que acompanhamos os eventos de tratamento, recuperação, a luta de Lula para estar na cena pública novamente, seu repensar sobre os “reais valores” da vida. Mas Lula aparece como um personagem central da política em que, a despeito da doença ou, arriscaria a dizer, justamente por enfrentá-la e “vencê-la”, reafirma-se enquanto personagem que derrota as situações adversas – como fez com a pobreza do nordeste, com a ditadura militar ou a força de políticos como Fernando Collor de Mello. A doença o fortalece e, curiosamente, o hospital aparece como o lugar da política, onde se destacam as inúmeras visitas feitas e recebidas por Lula (FHC, Fernando Lugo, José Sarney). O hospital passa a ser um território neutro em que os conflitos são suspensos, e a sacralidade da doença (e do doente) emerge como um passe-livre que dirime as diferenças e faz com que relações (ainda que provisórias) sejam retomadas. Na encenação midiática da vida pública, esses encontros são redefinidos numa nova ordem moral, em que a doença os aproxima e iguala, ainda que certamente sejam reacomodados posteriormente em seus lugares de origem.

O segundo eixo temático de destaque refere-se à saúde pública. Pesquisadores diversos assinalam como é frequente a visão negativa da saúde pública no noticiário brasileiro, marcada pelos escândalos e publicização de problemas cotidianos do Sistema Único de Saúde (Silva e Rasera, 2013). Aqui, identificamos cenário semelhante, em especial nas editoriais *O País* e *Rio*. Essa abordagem não foi objeto de nenhuma capa ao longo do período analisado, recebendo apenas

uma chamada na Página 2 relativa ao desvio de medicamentos ocorrido em um hospital do SUS. Sintomaticamente, é na chave da polêmica e denúncia que encontramos a marca do valor-notícia relativo ao tema. Essa dimensão de “vigilância”, que configura um espaço de ambiguidade entre o “bem informar”, coerente com a autoimagem da identidade jornalística brasileira, e a do “alarmismo”, como apontam alguns autores acerca da tendenciosidade da cobertura sobre o SUS, está presente de modo bastante significativo nos textos encontrados.

Outro tema que mobilizou o noticiário sobre o câncer neste período foi a descoberta de utilização de material de silicone impróprio na fabricação de próteses mamárias, com 9 textos publicados na editoria *O País* e 1 em *Opinião*. Esta questão deflagrou toda uma discussão sobre a comercialização do produto, o papel da vigilância e regulação do Estado via ANVISA, a responsabilização dos culpados, a dimensão preventiva, materializada pela substituição ou não das próteses em mulheres que já a tinham no corpo mas ainda não haviam manifestado problemas, a responsabilidade pelos custos desse procedimento (SUS e planos deveriam arcar com a cirurgia?), as “vítimas legítimas” (sofrimento/risco em contraposição à estética, vista como um valor menor), as prioridades assistenciais (SUS deve cobrir procedimento para quem tem recursos?), entre outros.

Um terceiro bloco de textos vinculou-se à questão da gestão cotidiana do SUS, envolvendo, por exemplo, temas diversos como medicamentos, financiamento e alguns de seus programas. Textos como o já mencionado – acerca do desvio de remédio do SUS (03/02/12), decisão da justiça paulista para que se voltasse a distribuir remédios para AVC e outras doenças (como câncer) – estão presentes, assim como alertas sobre taxa excessiva de óbitos num dado hospital público (01/04/12), revelando um contexto de desconfiança frente à gestão da coisa pública. Há, também, textos elogiosos, mas parecem exceções que confirmam a regra. Podemos citar como exemplo a reportagem sobre o SUS de Vitória, anunciado como um exemplo de saúde (10/03/12), sobre a redução nacional da mortalidade materna devido ao aumento da cobertura do pré-natal, destacando o câncer como uma das principais causas de morte (26/05/12), e a nota de Ancelmo Gois sobre o sucesso do governo federal de bater a meta de realização do exame preventivo Papanicolau em mulheres antes do tempo previsto.

O terceiro eixo temático identificado refere-se às notícias sobre risco, ciência e tecnologia. A editoria de *Saúde* caracteriza-se pela profusão de textos sobre o que se convencionou chamar na saúde coletiva de “Promoção da Saúde”. Ou seja, a noção de que as formas de se relacionar com os processos de saúde e doença não estariam circunscritas à atuação após o evento patológico. Ao contrário, coerente com o cenário anteriormente exposto sobre a lógica do risco na antecipação da doença, esses modos se dariam pela instauração de um estilo de vida regrado segundo as lógicas da biomedicina, pautadas pela estreita vi-

gilância sobre o corpo. Assim, vemos textos que enfatizam as relações entre a ingestão de certos alimentos e a prevenção de câncer, como temperos picantes (22/01/12), café (capa do jornal no dia 04/03/12) e frutas, verduras e legumes (29/04/12, 26/06/12). No seu oposto, situa-se a condenação de alimentos (carne vermelha, 01/04/12, também capa) e da obesidade. Proliferam textos sobre exercícios físicos, eleito tema de debate dos encontros presenciais promovidos pelo jornal, organizados pelo médico Cláudio Domênico. Os textos são marcados por uma dimensão “pedagógica”, com conselhos sobre autocuidado, ênfase no saber biomédico e na vigilância sobre o corpo, revelando a busca pela longevidade e a utopia da possibilidade de afastar a morte.

A poluição apareceu ainda como um fator importante, com textos na editoria de Saúde nos dias 10/06/12 e 17/06/12, constituindo-se o segundo tema escolhido por Cláudio Domênico. Como foi dito anteriormente, trata-se de um assunto já identificado em outras editorias, como *Economia* e *O País*. Nessa questão do risco, também cabe lembrar as matérias anteriormente mencionadas sobre silicone, agrotóxicos e amianto, revelando outra dimensão do risco, menos focada nos comportamentos individuais e mais na questão ambiental, revestida de sentidos mais políticos. O risco presente na editoria *Saúde* revela-se um risco individualizado, centrado no autocuidado e desvinculado de qualquer reflexão sobre as condições políticas e socioculturais mais amplas que os afetam.

Junto a esta dimensão “pedagógica” da notícia, destaca-se por fim o lugar conferido pelo jornal à ciência. Foram identificadas inúmeras pesquisas que apontavam para a promessa de descobertas relevantes sobre causas, diagnósticos, mecanismos de funcionamento e tratamentos da doença. Essa proliferação de textos sobre desenvolvimentos tecnológicos envolvem o que alguns autores designaram de contexto da biomedicalização, definido como fenômeno iniciado nos anos 1980, quando ocorreram mudanças expressivas na organização e práticas da biomedicina através da incorporação de inovações técnico-científicas. Processo multidirecional, de complexidade crescente, envolve mudanças na economia política do vasto setor da biomedicina, centrando o foco na saúde e na elaboração do risco e da vigilância. Além da dimensão crescentemente tecnológica da biomedicina, destacam as transformações sobre como os conhecimentos biomédicos são produzidos, distribuídos e consumidos (Clark et al., 2003). Assim, destaca-se o uso da ciência da informação e da informática, mudando o patamar das pesquisas ligadas a medicamentos, testes diagnósticos, procedimentos terapêuticos, bem como um processo vigoroso de comodificação da saúde e de usos cada vez mais intensos das descobertas, sejam elas de maior vulto (como procedimentos especializados) ou de alcance na vida ordinária, como o banal exemplo do botox, interferindo no corpo não mais na lógica do controle, mas de sua transformação.

É nesse contexto que podemos compreender a cobertura midiática sobre câncer da editoria *Ciência*; nela são enfatizadas as possibilidades e probabilidades de tratamentos e cura, através da divulgação de pesquisas científicas e de fatores (e dos grupos) de risco. Através das notícias se organizam e ressignificam as verdades científicas, que celebram os avanços tecnológicos expressos pela genética ou pelas novas técnicas e instrumentos de detecção e controle da doença. Cabe, no entanto, ressaltar alguns descompassos entre, por um lado, o processo de desenvolvimento científico apontado no cenário da pesquisa e sua efetiva implementação (como o projeto Genoma, por exemplo), ou ainda as possibilidades dos grandes centros de pesquisa internacionais e a realidade brasileira. Nesse sentido, não seria exagero afirmar que essa cobertura revela uma perspectiva triunfalista e otimista sobre o poder da ciência, omitindo suas controvérsias, seus limites, seus erros, promovendo um sentimento de esperança que contrasta vivamente com a experiência cotidiana dos doentes.

Considerações finais

O presente artigo teve como objetivo fazer uma caracterização preliminar da presença do câncer no jornalismo impresso a partir da análise do jornal *O Globo* durante o período de janeiro a junho de 2012. O primeiro desafio referiu-se ao volume de material levantado, o que dificultou o aprofundamento da análise. Isso, no entanto, já se constituía em si um resultado de pesquisa, na medida em que revelava a força desta presença no contexto contemporâneo, confirmando trabalhos que apontavam ser o câncer uma das enfermidades de maior visibilidade no jornalismo impresso.

Buscou-se, em seguida, situar esta presença do ponto de vista histórico, ressaltando que ela se relacionava aos processos de saúde e doença de forma mais ampla. Entendia-se que a transformação do câncer em tema de interesse público tinha a ver tanto com a doença em si, marcada historicamente pelos sentimentos de medo e tentativa de evitá-la, como com os sentidos dos processos de saúde e doença. Observou-se o progressivo descompasso entre as percepções dessa enfermidade no nível dos atores diretamente envolvidos (como doentes) e a sociedade mais ampla. Se ela permaneceu sendo vivida como um evento dramático e temido, paulatinamente esses afetos foram se descolando de sua imagem como notícia. Não mais algo a ser evitado, mas que progressivamente adquiria grande noticiabilidade.

Outro elemento de destaque refere-se aos seus modos de presença no interior do jornal. Identificou-se ser uma presença difusa, permeando todas as editorias do periódico, com múltiplas possibilidades de enquadramento. Política, economia, cultura, ciência e saúde eram os espaços de sua presença, sendo esta

última minoritária. Percebe-se que o assunto não é restrito ao espaço da saúde, sendo apropriado por várias outras esferas simbólicas e constituindo-se uma metáfora a partir da qual a sociedade fala de si mesma.

Por fim, buscamos aprofundar os três temas de maior destaque sobre a enfermidade como a doença dos políticos, a saúde pública e sobre risco, ciência e tecnologia. No primeiro, identificamos com grande surpresa ser esse o grande “lugar” do câncer no noticiário: pelo entrelaçamento entre as vidas públicas e privadas dos políticos, em que a gestão da saúde se configurava como uma gramática moral a partir da qual se entendia seus feitos e atuação. No segundo ponto, os debates giraram em torno da aparente incapacidade do governo federal em lidar com temas desta relevância, repercutindo de forma vigorosa o que vários autores já sinalizaram sobre a imagem negativa do SUS na mídia. Por fim, adentramos nos temas ligados ao risco, à ciência e tecnologia, em que nos deparamos com a questão da biomedicalização, marcados por uma cobertura triunfalista, que celebrava de forma acrítica e problemática as promessas das descobertas científicas.

Referências

- AURELIANO, W. A. **Compartilhando a experiência do câncer de mama:** grupos de ajuda mútua e o universo social da mulher mastectomizada em Campina Grande (PB). Dissertação de Mestrado do Programa de PósGraduação em Sociologia, Universidade Federal de Campina Grande, 2006.
- BERTOLLI FILHO, C. Representações sociais do câncer e dos cancerosos em São Paulo: 1900- 1950. **REVISTA SALUSVITA**, Revista da Área de Ciências Biológicas e da Saúde. Universidade do Sagrado Coração. Bauru- São Paulo, v.21, n.2, 2002.
- CASTRO, A.L. Culto ao corpo: identidades e estilos de vida. **VIII Congresso Luso-AfroBrasileiro de Ciências Sociais**. Coimbra, 2004.
- CLARK, A. et al. Biomedicalization: Technoscientific Transformations of Health, Illness, and U.S. Biomedicine. **American Sociological Review**, 2003, Vol. 68 (April:161–194).
- FERRAZ, L.M.R. **Para além do biológico:** um estudo sobre o significado midiático da doença - Análise dos discursos das revistas semanais *Veja* (1968-2013). Tese de doutorado PPGICS, Fiocruz, 2015 (no prelo).
- INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER José Alencar Gomes da Silva. **Estimativa 2012:** incidência de câncer no Brasil / Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva, Coordenação Geral de Ações Estratégicas, Coordenação de Prevenção e Vigilância. – Rio de Janeiro: INCA, 2011.
- GUSFIELD, J. Forward. In: CONRAD, P. e SCHNEIDER, J. **Deviance and**

medicalization - From badness to sickness. Philadelphia: Temple University Press, 1992.

JURBERG, C. GOUVEIA, ME e BELISÁRIO, C. Na mira do câncer: o papel da mídia brasileira. **Revista Brasileira de Cancerologia** 2006; 52(2): 139-146.

LERNER, K. Doença, sofrimento e narrativas biográficas: o câncer na VEJA. In: GUTFRIEND, C. (org). **Narrar o biográfico: diversidade da escrita**. Porto Alegre: ed. Sulina, 2015.

OLIVEIRA, V. D. C. Os sentidos da saúde nas mídias jornalísticas impressas. **RECIIS**, v. 6, n. 4, 2013.

SILVA, G. M. e RASERA, E. F. A Desqualificação do SUS na Folha de São Paulo: Construção Discursiva de Gestores e Usuários. **Psico**, v. 44, n. 1, pp. 82-91, jan./mar. 2013.

SONTAG, S. **A doença como metáfora**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

TEIXEIRA, L.A., PORTO, M.A., e NORONHA, C. **O Câncer no Brasil: passado e presente**. Rio de Janeiro: Outras Letras, 2012.

VAZ, P. e PORTUGAL, D. A nova 'boa-nova': marketing de medicamentos e jornalismo científico nas páginas da revista brasileira Veja. **Comunicação, mídia e consumo**. 9(26):37-60, 2012.